

ANARQUISMO QUEER E POLIAMOR: POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS INFINITAS

Susan Song¹

tradução por *acervo trans-anarquista*

INTERSECÇÕES ANARQUISTAS E QUEER

Este artigo debate a relevância da teoria queer na prática do anarquismo sexual e os motivos pelos quais os anarquistas devem criticar a monogamia compulsória como forma de relacionamento. A teoria queer se opõe à heteronormatividade e reconhece os limites das políticas de identidade. O termo queer implica resistência ao “*normal*”, onde o “*normal*” é o que parece natural e intrínseco. Heteronormatividade é um termo que se refere a um conjunto de normas baseadas na suposição de que todas as pessoas são heterossexuais, de gênero masculino/feminino e monogâmicas. A isso se soma a suposta e implícita permanência e estabilidade dessas identidades. A teoria queer também critica a homonormatividade, em que se espera que as relações não-heterossexuais se assemelhem às heteronormativas, por exemplo, sendo gênero-normativas, monogâmicas e enraizadas na posse de seu parceiro. Dessa forma, a teoria e a prática queer se

¹ Texto original extraído da *Revista Libertária* em 23 de agosto de 2025. Disponível em: <https://revistalibertaria.cl/anarquismo-queer-y-poliamor-de-susan-song/>.

Traduzido por *acervo digital trans-anarquista* em setembro de 2025.

Ressaltamos que outra tradução desse mesmo texto realizada previamente por Machorra Edições (@machorraedicoes) está disponível para compra, em versão física.

opõem à expectativa de que todas as pessoas devam ter um tipo de relacionamento monogâmico, cisgênero² e heterossexual.

Em “*Anarquismo, Pós-estruturalismo e o Futuro das Políticas Radicais*”, Saul Newman distingue o anarquismo de outras lutas políticas radicais. Newman conceitua os movimentos anticapitalistas e antiguerra emergentes que são “antiautoritários e não institucionais [...] como [...] lutas anarquistas”³. Ele descreve esses movimentos como aqueles que “se opõem à tendência centralizadora de muitas lutas radicais que ocorreram no passado, [...] eles não têm como objetivo a tomada do poder estatal como tal, ou o uso dos mecanismos e instituições do Estado”⁴. O anarquismo é entendido aqui como a resistência à institucionalização, à hierarquia e à total ou parcial assimilação política dentro do Estado.

Newman também cita pensadores anarquistas como “Bakunin e Kropotkin, que se recusaram a ser enganados pelos teóricos do contrato social, os apologistas do Estado como Hobbes e Locke, que viam a soberania como algo fundado pelo consenso racional e pelo desejo de escapar do estado de natureza. Para Bakunin, isso era ficção, um “*engano indigno*”. [...] Em outras palavras, o contrato social é meramente uma máscara da ilegitimidade do Estado; na verdade, a soberania foi imposta violentamente ao povo, em vez de emergir através do seu consentimento racional”⁵. Ele retrata a resistência contra o Estado pelo reconhecimento de sua ilegitimidade enquanto uma forma aparentemente eleita. De maneira semelhante, a teoria queer pode atuar para criticar os discursos biologicistas sobre gênero e sexualidade ao dizer que eles são “*naturais*”, apontando para as várias maneiras pelas quais eles são conceituados e influenciados pelos contextos históricos e sociais. A teoria queer afirma que a sexualidade, como categoria e modo de

² Cisgênero é um termo que se refere a indivíduos cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhes foi designado ao nascer. Por exemplo, uma mulher cisgênero é uma mulher a quem foi designado o sexo feminino ao nascer e que se identifica como mulher. Este termo é por vezes considerado como significando “não transgênero”.

³ Saul Newman, «Anarchism, Poststructuralism and the Future of Radical Politics.» *SubStance* (36) (2) (2007): 4.

⁴ *Ibid.* 4.

⁵ *Ibid.* 6.

identificação, embora concebida como “*biologicamente natural*”, é na verdade socialmente construída.

Isso se demonstra ao observarmos como surgiram, enquanto categorias biológicas, os termos “*homossexual*” e “*sexo*”. No final do século XIX, o termo “*homossexual*” surgiu como uma forma de definir a identidade daqueles que participavam de atos sexuais com pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade enquanto terminologia surgiu como uma forma de definir a heterossexualidade, o que aponta para sua origem artificial e socialmente construída.

Os discursos biológicos e médicos sobre sexualidade e gênero mudaram ao longo da história. Em “*Inventando o Sexo*”, Thomas Laqueur observa como o sexo foi criado por razões políticas, e não científicas ou médicas, “em algum momento do século XVIII”⁶. “Os órgãos que compartilhavam um nome (ovários e testículos) foram distinguidos linguisticamente. Os órgãos que não eram distinguidos por um nome (a vagina, por exemplo) receberam um”⁷.

O orgasmo feminino e seu papel na gravidez, se é que tinha algum, também foi discutido como uma questão contemporânea. A diferença sexual torna-se uma forma de articular uma hierarquia de gênero em que as mulheres são vistas como inferiores aos homens. Este modelo de diferença sexual é, segundo Laqueur, “tão produto da cultura quanto foi, e é, o modelo de sexo único”⁸. Essa transição é demonstrada em momentos como quando as observações de Graaf levaram à afirmação de que “os testículos femininos deveriam ser chamados de ovários”⁹. Os anatomistas do século XVIII também “fizeram ilustrações detalhadas de um esqueleto explicitamente feminino para documentar o fato de que a diferença sexual era mais profunda”¹⁰. Nesse modelo de sexo único, o corpo masculino é a norma a partir da qual os outros corpos são analisados. Esse modelo assume, de forma problemática, que a diferença biológica cria uma diferença “*normal*” no nível social. No entanto, Laqueur desestabiliza a ideia do sexo como uma categoria “*natural*” que

⁶ Thomas Laqueur, *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud* (Cambridge: Harvard University Press, 1990), 27.

⁷ *Ibid.* 27.

⁸ *Ibid.* 29.

⁹ *Ibid.* 44.

¹⁰ *Ibid.* 31.

aponta diferenças biológicas significativas e, em vez disso, postula que a construção do sexo é influenciada e formada pela hierarquia de gênero e pelos impulsos políticos.

POLÍTICAS DE CLASSE E ALÉM

A teoria queer desnaturaliza as hierarquias de gênero, sexualidade e influência política, e é uma ferramenta valiosa para a prática anarquista. A teoria queer questiona o que é “*normal*” e o que cria diferenças hierárquicas entre nós, abrindo novas frentes de luta para além da política de classes. Da teoria feminista surgiu a ideia de que o gênero é uma construção social e não biológica e, portanto, não é inato, natural, estável ou essencial para a identidade de alguém devido à sua biologia. Em vez disso, o gênero é um produto das normas sociais, do comportamento individual e do poder institucional. Os estudos sobre gays e lésbicas contribuíram para o discurso sobre gênero e sexualidade ao introduzir a homossexualidade e as identidades LGBT como áreas a serem conquistadas. Seguindo o trabalho da teoria feminista e dos estudos sobre gays e lésbicas, a teoria queer entende a sexualidade e os comportamentos sexuais como semelhantes no que diz respeito à construção social, além de historicamente contingentes. A teoria queer leva em consideração uma multiplicidade de práticas sexuais que desafiam a heteronormatividade, como a não monogamia, as relações BDSM e o trabalho sexual.

A teoria queer abre espaço para criticar como nos relacionamos socialmente de uma forma distintamente diferente da prática anarquista típica. Enquanto o anarquismo clássico se concentra principalmente em analisar as relações de poder entre as pessoas, a economia e o Estado, a teoria queer entende as pessoas em relação ao normal e ao anormal, criando uma infinidade de possibilidades para a resistência. A teoria queer busca romper com o “*normal*” com o mesmo impulso com que os anarquistas lutam contra as relações de hierarquia, exploração e opressão. Podemos usar a teoria queer para conceituar novos tipos de relações e relações sociais que resistam ao

patriarcado e a outras opressões, criando uma forma distinta de relação social “*anarquista queer*”. Levando em conta as múltiplas e fluidas formas de nos identificarmos e nos relacionarmos sexualmente que vão além do binarismo gay/hétero, a prática de uma anarquista queer permite desafiar o Estado e o capitalismo, assim como desafiar as opressões sexuais e as normas que estão frequentemente incrustadas no Estado e em outras relações sociais hierárquicas.

ANARQUISMO QUEER COMO FORMA SOCIAL

A rejeição queer da instituição do casamento pode basear-se em uma oposição anarquista contra as formas de relações hierárquicas e a assimilação do Estado. Um anarquista que cuida das crianças de alguém como alternativa à criação de uma família pode ser entendido como a representação de uma relação queer. Gustav Landauer, em “*La revolución y otros escritos*”, escreve que “El Estado es una relación social; una cierta forma de personas relacionándose con otras. Puede ser destruido mediante la creación de nuevas relaciones sociales; es decir, mediante personas relacionándose con otras de forma diferente [O Estado é uma relação social; uma certa forma de pessoas se relacionarem com outras. Ele pode ser destruído através da criação de novas relações sociais; isto é, através de pessoas se relacionando com outras de maneira diferente]”¹¹. Como anarquistas interessados e trabalhando em áreas de políticas sexuais e lutando contra todas as opressões, podemos criar uma nova forma “*anarquista queer*” de nos relacionarmos que combine os conceitos anarquistas de apoio mútuo, solidariedade e associação voluntária com uma análise queer da normatividade e do poder. Devemos nos esforçar para criar e aceitar novas formas de relacionamento em nossos movimentos anarquistas, que esmaguem o Estado e lutem contra as opressões dentro e fora de nossos quartos.

Uma forma pela qual podemos nos relacionar socialmente com uma análise queer é através da prática de alternativas às conceituações

¹¹ Gustav Landauer. *Revolution and Other Writings: A Political Reader*, ed. And trans. Gabriel Kuhn. (Oakland: PM Press, 2010), 214.

heteronormativas da sexualidade e do Estado existente. Podemos abraçar uma multiplicidade de práticas sexuais, incluindo o BDSM, o poliamor e práticas queer heterossexuais (não estabelecendo-as como novas normas, mas como práticas entre muitas variedades que são frequentemente marginalizadas sob nossos entendimentos normativos da sexualidade). Nas relações poliamorosas, a prática de ter mais de um parceiro desafia a monogamia obrigatória e as concepções do Estado sobre o que é uma relação social normal ou apropriada. O poliamor é tão somente uma das práticas que surgem quando pensamos em tipos de relação que podem (mas não automaticamente) incorporar diferentes aspectos queer e anarquistas. O BDSM permite a desestabilização das relações de poder, por meio da execução e desconstrução das relações de poder na vida real em um estabelecimento consensual e negociado. As práticas queer heterossexuais permitem a fluidez de gênero e práticas sexuais dentro das relações heterossexuais. Embora a prática desses tipos de relacionamento por si só não transforme alguém em um revolucionário, podemos aprender com essas práticas a como criar novas conceituações das relações sociais e, consideravelmente, desafiar a doutrinação normativa dentro da restritiva, limitada e hierárquica cultura sexual de nossa sociedade.

POLIAMOR COMO UMA FORMA DE ANARQUIA QUEER

O poliamor refere-se à prática de, aberta e honestamente, ter mais de um relacionamento íntimo simultaneamente, com a consciência e o conhecimento de todos os participantes. Isso inclui relacionamentos como troca de casais, amigos com benefícios e pessoas em relacionamentos abertos. O aspecto aberto e honesto do poliamor aponta para as concepções anarquistas de associação voluntária e apoio mútuo. O poliamor também contempla o amor livre de uma forma que as concepções monogâmicas do Estado sobre a sexualidade não permitem. Emma Goldman, em *“Casamento e amor”*, escreve: “El hombre ha comprado cerebros, pero todos los millones del mundo han fracasado en comprar el amor. El hombre ha dominado los

cuerpos, pero todo el poder de la Tierra no ha sido capaz de dominar el amor. El hombre ha conquistado naciones enteras, pero todos sus ejércitos no pudieran conquistar el amor. [...] El amor tiene el poder mágico de hacer un rey de un mendigo. Sí, el amor es libre; no puede habitar en ninguna otra atmósfera. En libertad se da así mismo sin reservas, abundantemente, completamente. [O homem comprou cérebros, mas todos os milhões do mundo falharam em comprar o amor. O homem dominou os corpos, mas todo o poder da Terra não foi capaz de dominar o amor. O homem conquistou nações inteiras, mas todos os seus exércitos não conseguiram conquistar o amor. [...] O amor tem o poder mágico de transformar um mendigo em rei. Sim, o amor é livre; não pode habitar em nenhuma outra atmosfera. Em liberdade, ele se dá sem reservas, abundantemente, completamente]"¹².

No amor livre, residem as noções anarquistas de apoio mútuo. Voltando ao ponto anterior, o poliamor desafia a conceituação do casal como um sendo a posse ou a propriedade. Em vez de ter a propriedade exclusiva de um companheiro, o poliamor permite que os casais compartilhem o amor com tantos companheiros quanto concordarem em ter. Ao contrário da monogamia obrigatória, o poliamor pode permitir mais de um parceiro, o que pode desafiar as concepções do Estado sobre o que é uma relação natural/normal e promulga uma forma de relação queer. A monogamia obrigatória pode referir-se às relações que são produzidas em um contexto que pressiona as pessoas a se conformarem com a monogamia. A monogamia obrigatória é um conceito onipresente em nossas leis e instituições, onde a expectativa e a pressão para se ajustar à monogamia são recompensadas com ganhos sociais e materiais. Isso não significa que aqueles que escolhem relações monogâmicas sejam mais restritos do que seus colegas poliamorosos. Uma crítica às formas como a monogamia se tornou obrigatória é muito diferente de julgar as práticas românticas/sexuais individuais.

¹² Emma Goldman. *Anarchism and Other Essays*. 3rd ed. (New York: Mother Earth Association, 1917), 93.

O poliamor também pode desafiar as concepções estatais de posse e propriedade. O casamento como instituição é investido de noções de reprodução heterossexual e do patriarcado. Pode-se usar o trabalho de Sara Ahmed para ajudar ainda mais a conceituar o poliamor. Ela escreve: “De alguna forma, pensar sobre las políticas de las líneas de vida nos ayuda a repensar la relación entre la herencia (las líneas que nos son dadas como punto de llegada dentro del espacio familiar y social) y la reproducción (la exigencia de que devolvamos el don de esa línea mediante la ampliación de la misma). No es automático que reproduzcamos lo que heredamos, o que siempre convirtamos nuestra herencia en posesiones. Debemos prestar atención a la presión para hacer dichas conversiones. [De certa forma, pensar sobre as políticas das linhas de vida nos ajuda a repensar a relação entre herança (as linhas que nos são dadas como ponto de chegada dentro do espaço familiar e social) e reprodução (a exigência de que devolvamos o dom dessa linha através da sua ampliação). Não é automático que reproduzamos o que herdamos, ou que sempre transformemos nossa herança em posses. Devemos prestar atenção à pressão para fazer tais conversões]”¹³. Sua análise demonstra como o poliamor pode desafiar as ideias de herança e posse. O poliamor, como forma, permite uma multiplicidade de companheiros e não está necessariamente investido na reprodução sexual da mesma forma que o casamento como instituição do Estado. Dessa forma, o poliamor pode interromper as práticas de reprodução e herança através da criação de uma nova família e de tipos de relações não investidas na posse sexual e em fazer parte das relações impostas e supervisionadas pelo Estado.

UM CHAMADO À LIBERDADE SEXUAL

Alguém poderia perguntar: como o poliamor é relevante para mim se não estou interessado em praticá-lo? Qual é o interesse em criticar a monogamia se estou em uma relação monogâmica satisfatória? Trazendo a

¹³ Sara Ahmed. *Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others*. (Durham: Duke UP, 2006), 17.

teoria queer para nossas casas e para as ruas, podemos começar a expandir o que não poderia deixar de ser pensado como uma necessidade de libertação. Quando as pessoas em relacionamentos monogâmicos satisfatórios consideram essa história de repressão sexual, elas têm as ferramentas para entender o que significa se tornar sexualmente livre apesar dessa história, mesmo que optem por permanecer em relacionamentos monogâmicos. Podemos nos libertar da limitação e da arbitrariedade das normas e expectativas de gênero, não apenas em nossos relacionamentos românticos, mas no dia a dia. A teoria queer nos dá espaço para transgredir e brincar com o gênero, e questionar os limites das políticas de identidade. A sexualidade pode ser fluida e assumir muitas formas diferentes, assim como nossas expressões de gênero.

Queremos mais do que apenas uma libertação de classe. Queremos ser libertades das expectativas burguesas de que devemos nos casar, de que só existe o binarismo homem e mulher em rígidos papéis normativos, de que só podemos sair de maneira monogâmica e expressar nosso gênero de formas normativas e restritivas. Devemos lutar pela libertação de gênero e por nossos amigos e camaradas gênero-Transgressivos, e lutar pela liberdade de expressões amorosas e sexuais consensuais. Essa guerra não está apenas nas ruas. Está em nossos banheiros, onde pessoas transgênero e de gênero não-normativo são vigiadas por pessoas que não reconhecem identidades trans nem outras identidades de gênero não-normativas, seja fortalecendo um sistema binário e cisgênero e ignorando a fluidez das identidades de gênero, ou marginalizando pessoas transgênero como “*outro gênero*”. Ela está em nossas estruturas familiares, que criam uma ordem burguesa em nossas vidas. Ela está em nossa produção de discursos em torno da sexualidade, onde a sexualidade é vista como algo a ser estudado sob um modelo ocidental, biológico e médico. Ela está em nossas reuniões e movimentos, onde as vozes que não pertencem a homens heterossexuais, brancos e cisgêneros são marginalizadas. Devemos criar formas novas e diferentes de viver, permitindo formas mais queer de se relacionar e de ser.

A liberação sexual parece ser diferente para cada indivíduo. De acordo com a minha experiência, ser amarrado consensualmente por um amigo e chicoteado em um ambiente negociado é libertador. Beijar ou abraçar alguém com quem você negociou cuidadosamente o consentimento é explosivamente satisfatório. Para mim, estar em um relacionamento aberto, honesto e poliamoroso é, de longe, um dos relacionamentos mais libertadores e românticos da minha vida. No entanto, a liberação sexual é uma experiência profundamente subjetiva.

A dicotomia problemática é determinar uma conceituação do poliamor como uma forma anarquista queer e criar e reforçar, potencialmente, uma nova “*norma*” de poliamor como superior à monogamia e outras relações heteronormativas.

Voltando a Ahmed, o que é significativo ao considerar novas formas de relacionamento é a pressão para que transformações sejam feitas, e isso deve ser considerado enquanto formamos novas formas de relacionar-se que desafiem o patriarcado¹⁴, o capitalismo e a heteronormatividade. Devemos ampliar nossas ideias sobre como se mostra a prática sexual anarquista, garantindo que esmaguemos as normas de gênero, aceitemos que a sexualidade e o gênero são categorias fluidas e instáveis e desafiemos as pressões para sermos monogâmicos como parte de nossa prática anarquista, desafiando as formas de relacionamento do Estado. Devemos viver, trabalhar e nos organizar de uma forma que construa conscientemente uma cultura que incorpore essas normas de resistência ao patriarcado e à heteronormatividade. Esse trabalho é fundamental para nossa libertação compartilhada do capitalismo, mas também do patriarcado, da heteronormatividade e das expectativas sexuais restritivas e coercitivas de todos os tipos.

¹⁴ O patriarcado se refere a um sistema de poder incrustado nas instituições e em outros tipos de organização social que dá privilégios e outorga o poder aos homens sobre as mulheres e sobre as pessoas que não são cisgêneras.